

QUEM TE OLHOU, MAS NÃO TE VIU: REPRESENTAÇÕES DO MARAVILHOSO SOBRE O CERRADO GOIANO NO SÉCULO XVIII

Eliézer Cardoso de Oliveira²⁸ – ezi@uol.com.br

Introdução

Por causa de suas especificidades, o domínio do cerrado foi objeto de narrativas que ressaltaram o exotismo de sua paisagem, acarretando uma visão maravilhosa do ambiente natural. Portanto, a proposta deste texto é analisar esses relatos, procurando enfatizar os elementos simbólicos presentes nessas descrições do cerrado goiano.

Revisão Bibliográfica

A falta de conhecimento da especificidade do bioma do cerrado fez com que as primeiras narrativas que procuravam descrevê-lo utilizassem elementos do chamado maravilhoso. Essa categoria estética é condizente com um estado de espírito que expressa o deslumbramento diante de algo que é admirável e o reconhecimento da incapacidade de explicar esse algo racionalmente. Portanto o maravilhoso abrange desde a simples admiração diante da grandeza de um fenômeno natural raro até o estupor diante do prodígio milagroso. Desse modo, a presença do maravilhoso, no seu sentido mais agudo era bastante freqüente nos escritos da Antiguidade e do mundo medieval.

Para Cynthia Morais, o maravilhoso é uma categoria fundamental para se compreender o espanto, a admiração, a surpresa, o encantamento e a incredulidade de Heródoto diante das *histórias* dos povos bárbaros que visitou.

A presença do maravilhoso continuou forte durante toda a Idade Média européia e foi reavivada com as descobertas marítimas. Sérgio Buarque de Holanda (2000), no seu magnífico *Visão do Paraíso*, analisa o imaginário edênico que corroborou a utilização do maravilhoso na descrição da natureza do Novo Mundo pelos colonizadores ibéricos. Daí a procura, principalmente por parte dos espanhóis, de lugares maravilhosos na América, como a lagoa ou serra dourada, a fonte da juventude, o país das amazonas, dentre outros. Até os portugueses, reconhecidamente mais realistas do que os espanhóis, não deixaram de se maravilhar com o exotismo da nova terra descoberta. O que maravilhava os portugueses era principalmente os metais e pedras preciosas, mas não deixaram de se deslumbrar com o exotismo da fauna e da flora da colônia.

²⁸ Professor do Curso de História da UEG/UnUCSEH-Anápolis(GO)

Material e Métodos

O material utilizado na pesquisa foi o conjunto de relatos sobre a natureza goiana no século XVIII, nos quais se nota a presença da categoria do maravilhoso.

Um desses relatos foi o chamado “Roteiro do Urbano de Couto”, importante documento do imaginário bandeirante, no qual há uma descrição maravilhosa de uma rocha singular da geologia goiana: é uma “perfeita obra da natureza, que se poderá ter por uma das maravilhas do mundo; é a tal pedra redonda tão alta como dizem da Torre de Babel” (Couto, 1750, p. 27). Nesse relato, o maravilhoso está inscrito na configuração das rochas e serras. Eram esses os locais onde deveriam estar as riquezas cobiçadas. E aquelas em que os formatos remetiam a simbologias culturalmente valorizadas – o martírio de Cristo ou a Torre de Babel – podiam ser guardiãs dos tesouros ocultos.

Por isso, não é de se estranhar o encantamento que se imputava as serras auríferas em Goiás, procurando relacioná-las a elementos da liturgia cristã – como a Serra dos Martírios – ou a elementos cotidianos, como por exemplo, o Morro do Chapéu, cuja toponímia se explica pelo fato de que o “monte onde se descobriu ouro tem a figura de um chapéu desabado”. (Anônimo, 1783c, p. 79). Nas riquíssimas minas de Pilar, havia “umas pedras com uns abertos que representam Caras de gente e outras figuras muito reparáveis. Não há notícias de quem fizesse aquela obra. Assentam ser da natureza.” (*Idem*, p. 78). O mesmo cronista afirma que “Antes do Arraial de S. Félix duas léguas, indo para o Norte, se vê ao pé da Estrada uma Tromba da pedreira negra e uma concavidade por ela abaixo, que o pavor faz não se averiguar a sua profundidade.” (*Idem*).

Conclusões

Dentre as conclusões que se desprendem após a análise dos relatos, destacam-se as seguintes:

1. Os bandeirantes e primeiros colonizadores demonstraram uma visão maravilhosa da paisagem geológica de Goiás, cujo formato singular denotava um indicativo da presença do ouro.
2. Os relatos do bandeirante não indicam nenhuma apreciação estética dos outros elementos da natureza goiana, como os rios, fauna e flora.
3. Os relatos dos primeiros colonizadores demonstram um considerável desconhecimento da especificidade da natureza do Cerrado goiano.

Referência Bibliográfica

- ANÔNIMO. 1783b. Descrição das lavras do Rio Vermelho e seus braços, da cachoeira abaixo desta Vila, até a barra do Rio Ferreiro, onde principia a Freguesia da Anta. In.. P. 109 –120.
- ANÔNIMO. Cavalcante. 1783a. In. BERTRAN, Paulo (org.). **Notícia Geral da Capitania de Goiás**. Goiânia: UCG, UFG. Brasília: Solo Editores, 1996. P. 183-189.
- ANÔNIMO. 1783c. Descrição da Capitania de Goiás e Tudo que nela é notável até o ano de 1783. 1783. In. BERTRAN, Paulo (org.). **Notícia Geral da Capitania de Goiás**. Goiânia: UCG, UFG. Brasília: Solo Editores, 1996. P. 73 a 86.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS DE ANÁPOLIS
VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DE PROFESSORES E
VIII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNUCSEH
05 A 07 DE NOVEMBRO DE 2012

COUTO, Urbano de. Roteiro de Urbano de Couto. 30 de julho de 1750. In. SILVA, Henrique. A bandeira do Anhanguera a Goiás em 1722: reconstituição dos roteiros de José Peixoto da Silva e Braga e Urbano de Couto. In. **Memórias Goianas I**. Goiânia: Editora da UCG, 1982. P. 9-31.

HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

MORAIS, Cynthia. **Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, pais da história?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.